

Yoshio
Mukai



AMOR E DEDICAÇÃO A UM IDEAL

SEICHO-NO-IE DO BRASIL

**AMOR E DEDICAÇÃO
A UM IDEAL**

Yoshio Mukai

**AMOR E DEDICAÇÃO
A UM IDEAL**

1ª edição

2016
SEICHO-NO-IE

AMOR E DEDICAÇÃO A UM IDEAL

Autor:
Yoshio Mukai

Direito de publicação cedido pelo autor à SEICHO-NO-IE DO BRASIL.
Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial sob qualquer
forma sem a autorização prévia do autor e do editor.

© SEICHO-NO-IE DO BRASIL, 2005

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) **(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Yoshio Mukai, 1933-

Amor e dedicação a um ideal / Yoshio Mukai ;
[ilustrações de Maurício Negro, Eduardo Okuno]. —
3. ed. — São Paulo : SEICHO-NO-IE DO BRASIL, 2007.

ISBN 978-85-7156-515-9

1. Amor 2. Ideais (Filosofia) 3. Mukai, Yoshio,
1933- I. Negro, Maurício. II. Okuno, Eduardo.
III. Título.

07-0097

CDD-181.0956092

Índices para catálogo sistemático:

1. Dirigentes : Seicho-No-Ie : Filosofia de
vida : Biografia e obra 181.0956092

Direito original: 2005

Capa: Maurício Negro e Eduardo Okuno / Revisão: Thais Kazuko Shinnishi

Impresso no Brasil

Editado pela

SEICHO-NO-IE DO BRASIL

Av. Eng^o Armando de Arruda Pereira, 1.266

CEP 04308-900 - São Paulo, SP

Fone: (11) 5014-2222

Website: <http://www.sni.org.br> - E-mail: sni@sni.org.br

PREFÁCIO

Hesitei muito em começar a escrever este livro, que conta um pouco da minha vida na Seicho-No-Ie. Mas, incentivado por amigos e colegas que consideravam de grande importância para os futuros adeptos o conhecimento de uma parte da história da Seicho-No-Ie, revesti-me de coragem para escrever sobre a minha vida, que, sem dúvida, não teria grande expressão se eu não tivesse conhecido esta filosofia. Os grandes professores que sempre tive como exemplo foram os saudosos prof. Miyoshi Matsuda e prof. Katsumi Tokuhisa. Devo muito do que sou hoje ao incentivo do prof. Miyoshi Matsuda, quando Presidente Nacional dos Jovens. Toda vez que nos encontrávamos nos seminários em Ibiúna ou nas Regionais, ele dizia: “O futuro da Seicho-No-Ie depende de vocês, jovens. Façam palestras em português, divulguem em português”. Estas eram as palavras que recebíamos dele.

Por sua vez, o prof. Katsumi Tokuhisa, com seu imenso amor, sempre se esforçou para nos repassar tudo o que aprendera, não escondendo uma palavra que fosse. Na ocasião da inauguração da Academia de Treinamento Espiritual de Santa Fé, na Bahia, após o jantar, ele disse “A quem quiser fazer algumas perguntas, estou à inteira disposição para responder”, e orientou-nos até altas horas, até que se esgotassem as perguntas.

Minha grande felicidade foi o fato de meus pais terem conhecido este ensinamento na minha infância. Assim, tive sempre amor, apoio e compreensão deles, na adolescência e na juventude.

Se hoje posso estar à frente deste Movimento, ministrando estudos a preletores, líderes da iluminação, divulgadores e dirigentes, atribuo isso ao meu conhecimento da língua japonesa, que foi fruto de muita persistência da parte do meu pai. Quando garotos, eu e minha irmã éramos obrigados a nos sentar à mesa, logo de manhã, para estudar um livro de gramática japonesa (*Kyoiku Tokuhon*). Eu pensava: “Se estou estudando em escola brasileira, para que preciso estudar também a língua japonesa?”. E meu pai respondia: “Vamos voltar para o Japão, e por isso devem aprender bem o japonês”.

Não sei dizer quantos anos foram necessários, mas me recorro de que o nível básico foi meu pai quem me ensinou. E, se hoje entendo o japonês e consigo estudar os ensinamentos da Seicho-No-Ie lendo publicações originais na língua japonesa, eu o devo ao profundo amor de meu pai, a quem agradeço.

O autor

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
CAPÍTULO 1 — LAR SEICHO-NO-IE	
Minha infância	15
Embrião das atuais Associações Locais	16
A fartura da vida no campo	18
Meu pai e sua fé na Seicho-No-Ie	19
CAPÍTULO 2 — INÍCIO DO MOVIMENTO	
Associação dos Jovens	23
Visita do prof. Seicho Taniguchi	24
Encerrar ou não a Associação dos Jovens	28
CAPÍTULO 3 — ATUAÇÃO NA ASSOCIAÇÃO DOS JOVENS	
Vice-presidente regional da Associação dos Jovens.....	31
Caravanas para Ibiúna	31
Pequenos acontecimentos.....	33
“A água do mar é salgada?”	34
CAPÍTULO 4 — O GRANDE SONHO	
Encontro com o Mestre	37
Até que enfim, no Paraná	38
Geadas e “A cor da folha do café e a fé”	41
CAPÍTULO 5 — APRENDENDO COM O MESTRE	
Segunda visita do Mestre ao Brasil	45
Amor de uma divulgadora.....	46
Curso em Maringá, no Paraná	47

CAPÍTULO 6 — APLICANDO O ENSINAMENTO

Orientação Pessoal	51
Bloqueio da mente.....	54
“Por que não consigo me casar?”	56
Sofrimento na vida conjugal	57
Sobre o ritual sagrado dos cônjuges.....	59
“Prova dos nove” de um psicólogo.....	60

CAPÍTULO 7 — A INFLUÊNCIA DO SUBCONSCIENTE

Consciente e subconsciente.....	63
Subconsciente racial e o da humanidade.....	67
Subconsciente racial ou social.....	68
Subconsciente da humanidade	68
Mente “inconsciente”	70
Mente cósmica e Mente Divina.....	73
Sintonizando com a Imagem Verdadeira.....	74

CAPÍTULO 8 — O VALOR DA DIVULGAÇÃO COM AMOR

Divulgadora salva a vida de um médico	77
Seicho-No-Ie como tratamento médico.....	79

CAPÍTULO 9 — A CAPACIDADE INFINITA NO INTERIOR DAS CRIANÇAS

A Pedagogia da Seicho-No-Ie	83
Motivação.....	87
Devemos conhecer o sentimento da criança.....	88

CAPÍTULO 10 — AS SETE DIMENSÕES E AS PRÁTICAS DA SEICHO-NO-IE

As dimensões	91
“Existência unidimensional”	92

“Existência bidimensional”	92
“Existência tridimensional”	93
Terceira dimensão — lei da matéria	94
Uso da expressão verbal	96
A maior declaração da Seicho-No-Ie	97
Interferências de mundos de outras dimensões	98
Intercâmbio com o mundo da quarta dimensão	99
Vivendo no mundo da quarta dimensão	99
Quarta dimensão — lei da mente	100
Intercâmbio com o mundo da quinta dimensão	102
Mundo da quinta dimensão — lei dos espíritos	103
O conhecimento de orar aos antepassados	105
Nível espiritual	106
Espíritos desapegados ou sublimes	107
Mundo espiritual transcendente	109
Mundo da sexta dimensão — mundo do Amor	110
Na prática, fazemos a Oração Mútua	111
Que é atitude? Dedicção de amor	114
Um ato de amor transpõe fronteiras	115
A prática da “Oração Mútua”	116
O mundo da sétima dimensão é o mundo de Deus	117
O mundo harmonioso e completo da sétima dimensão	117
Para trazer o Reino de Deus sobre a face da Terra	118
Sétima dimensão — mundo da lei da Vida que entra em ação	119
O ser humano	122
Kanzeon Bosatsu — deusa do perdão	123
O verdadeiro perdão	124
Deus Sumiyoshi	125
O Mundo Ryūgū	129

CAPÍTULO 11 — RESPEITO À INDIVIDUALIDADE

Harmonia.....	133
Arrependimento de uma senhora de 70 anos.....	136
Cuidado que devemos ter ao fazer comparações entre irmãos	138
O conceito do rolimã na organização.....	138
Harmonização na organização do nosso Movimento	142

CAPÍTULO 12 — FORMAÇÃO DO DESTINO

Destino existe?	145
Proteção dos antepassados?.....	149
Mente harmonizada.....	149
Você é quem faz o seu destino.....	150
Como buscar somente coisas boas	151
Que tipo de pensamento você está emitindo?	152

CAPÍTULO 13 — NOVO DESAFIO

Superintendente da América Latina	157
Revisão de livros em espanhol.....	158
Como começou a divulgação no Chile.....	160
Curso para líderes.....	162
A força dos jovens.....	165
Paraguai — minha primeira viagem ao exterior	168
México — primeira palestra em espanhol.....	171
Panamá — visita a uma “amiga”.....	172
Venezuela — o Movimento se expande	175
Colômbia — apaziguando ameaças	178
Peru — seminário para pessoas doentes.....	180
Argentina — aquisição de uma Sede Central.....	182
Bolívia — descoberta do “homem, filho de Deus”	184
Uruguai — em vias de crescimento	186

Portugal — <i>Convite à Prosperidade</i>	187
Espanha — dois momentos	190
Angola — a força do livro da Seicho-No-Ie	191

CAPÍTULO 14 — CONVITE PARA ASSUMIR A DIRETORIA

Sinceridade de um amigo	195
Encontro de amigos	198

POSFÁCIO

Diretor-Presidente	201
Presidente Doutrinário para a América Latina	203
“Oração aos Antepassados”	204
Estatutos	206
Convite ao prof. Masanobu Taniguchi	207
Final	209

CAPÍTULO 1

LAR SEICHO-NO-IE

Minha infância

Meu pai, Shukichi Mukai, nascido na cidade de Fukuyama, na província de Hiroshima, e minha mãe, Moto Mukai, nascida na cidade de Kakizaki, província de Niigata, casaram-se em Osaka e emigraram para o Brasil em 1928. Nasci neste vasto país abençoado por Deus, em 1933, na cidade de Vera Cruz, Estado de São Paulo, como primeiro filho varão da família, e tive quatro irmãos.

Em Vera Cruz, nessa época, residiam cerca de 600 famílias de imigrantes japoneses, que cultivavam café e algodão. Como muitos imigrantes, meu pai sonhava em ganhar muito dinheiro e retornar triunfante à terra natal; por isso, trabalhava desde as primeiras horas da manhã até ao anoitecer. Na época, ele era proprietário de 30 hectares de terra, nos quais estava formando um cafezal, e, para essa formação, trabalhavam quatro famílias japonesas.

A mãe do sr. Nagano, que pertencia a uma das famílias, contraiu câncer nos intestinos. A doença, já na fase final, provocava muita dor, e a enferma precisava ser assistida pelo filho e pela nora para receber injeção de morfina de 30 em 30 minutos.

Certo dia, meu pai foi ao cafezal e encontrou o casal trabalhando. Perguntou: “E a sua mãe, como está?”. Res-

ponderam: “Ela ficou curada depois que ouviu do prof. Shiguekazu Saito os ensinamentos da Seicho-No-Ie”.

Isso foi um acontecimento de grande repercussão na redondeza. Todos queriam saber o motivo da cura e, constantemente, iam receber orientação do prof. Shiguekazu Saito, que na época residia na cidade de Gália, interior de São Paulo.

Depois disso, meu pai também foi ouvir uma palestra da Seicho-No-Ie e recebeu a orientação do prof. Saito. Adquiriu a sua primeira sutra em japonês, voltou entusiasmado com a filosofia e começou a ler a sutra, todos os dias, para os antepassados.

Embrião das atuais Associações Locais

Posteriormente, meu pai convidou os professores Shiguekazu Saito e Daijiro Matsuda para uma palestra na colônia Água Limpa, no município de Vera Cruz, onde residíamos.

Esse movimento conseguiu adesões e, em pouco tempo, os participantes organizaram as reuniões da Seicho-No-Ie na colônia. Nessas reuniões, realizadas no período matinal, havia palestras para as crianças que vinham acompanhando seus pais. Creio que foi uma das primeiras reuniões de crianças da Seicho-No-Ie no Brasil.

Como essas reuniões cresciam na cidade de Vera Cruz, meu pai comunicou esse fato ao mestre Masaharu

Taniguchi, o qual respondeu dando o reconhecimento como Associação. Porém, o certificado desse reconhecimento dado pelo Mestre não chegou às nossas mãos, devido à eclosão da Segunda Guerra Mundial.

Conforme consta no livro do prof. Miyoshi Matsuda, quem realmente iniciou a divulgação do Movimento foi seu irmão, prof. Daijiro Matsuda, que não media esforços para levar as palavras da Verdade a quem as solicitava, locomovendo-se até mesmo ao lombo de cavalo ou a pé.

Nessa época, ainda não existia organização nem mesmo credenciamento, por parte do Japão, de cargos como “divulgadores” ou “preletores”. As pessoas que despertavam para a Verdade passavam a divulgar os ensinamentos por conta própria e com muito amor.

Na minha casa, existia um aposento destinado ao prof. Daijiro Matsuda, que, nas suas andanças, fazia um breve repouso entre uma visita e outra. E, quando ele chegava, meu pai ordenava-me que engraxasse os sapatos do professor. Longe de ser um sapato, era uma botina que, por mais que eu passasse graxa, não lustrava, pois era quase couro cru.

As divulgações, bem diferentemente de como são feitas hoje, com tudo organizado, eram iniciativa somente de uma pessoa que conhecia os ensinamentos e convidava os palestrantes para visitar a sua colônia, acomodando os professores e convidando os vizinhos e amigos para assistirem às palestras.

As orientações também não possuíam critérios pré-estabelecidos; a pessoa simplesmente chegava à casa de quem a convidou e ia ficando, dois ou três dias, ou até uma semana. Recordo-me de alguns fatos que, mesmo sendo criança, achava interessantes. Certa ocasião, veio um senhor à minha casa com um menino da minha idade, o qual estava com infecção no ouvido. Após uns três ou quatro dias, ele ficou totalmente curado e se foi. Como eu era criança, perguntei ao meu pai por que o deixara ir embora, pois estava gostando de brincar com ele todos os dias.

A grande maioria dos japoneses levava uma vida árdua em terra estrangeira, enfrentando diferenças de língua e costumes. Os ensinamentos da Seicho-No-Ie foram se espalhando rapidamente, como água de nascente que encontra terra ressequida.

A fartura da vida no campo

Meus pais tiveram dificuldades para nos ensinar o espírito do não-desperdício. Na época, ao redor das casas de agricultores, havia árvores frutíferas. Na minha casa havia cerca de 100 árvores que produziam frutas, e no quintal eram criadas, soltas, cerca de 150 galinhas.

Minha mãe, ao preparar o jantar, pedia a nós, filhos: “Tragam-me ovos”. Então, perguntávamos quantos ela queria e saíamos à procura dos ninhos das galinhas para colher os ovos.

Havia muitas frutas no nosso quintal: laranja, caqui, abacate, abacaxi, caju, mamão, banana, manga e muitas outras. Após as refeições, íamos ao pomar com uma faca, apanhávamos as frutas preferidas e as comíamos, ali mesmo. Mas, se elas não eram doces, nós as jogávamos fora e apanhávamos outra. Meus pais diziam: “Não fiquem desperdiçando. O que apanhou, deve acabar de comer”. Ainda criança, eu pensava: “Por que isso, já que vai amadurecer, cair e apodrecer?”.

Essa foi uma situação ocorrida há mais de meio século. Hoje, não encontramos ambientes assim, a não ser bem no interior.

Meu pai e sua fé na Seicho-No-Ie

Após o término da guerra, em 1945, a comunidade dos japoneses residentes no Brasil ficou tumultuada, pois se dividiu em duas facções: a que acreditava na vitória do Japão e a que aceitava a realidade da derrota na guerra.

Quem quer que fosse, se tivesse sido militar no Japão, principalmente oficial, era enviado a uma prisão em São Paulo e submetido a interrogatórios. Meu pai servira o exército na Manchúria. Certo dia, o comandante do batalhão dissera a ele: “Vou tirar uma foto sua. Vista este meu sobretudo”. Assim, em nossa casa havia uma foto do meu pai com sobretudo de oficial. A polícia descobriu esta

foto, e meu pai foi enviado a São Paulo para ser interrogado, mas, felizmente, foi liberado sem nada sofrer.

Após ser liberado, procurou a livraria do sr. Miyamoto, que importava livros da Seicho-No-Ie, para adquirir *A Verdade da Vida*. A pessoa que atendeu meu pai perguntou se ele queria participar de uma reunião da Seicho-No-Ie, e fez o seguinte convite: “Vamos realizar uma reunião da Seicho-No-Ie esta noite, da 1 hora às 3 horas da madrugada, na casa de fulano. O senhor não quer participar?”. E ele foi. Ele estava na condição de suspeito da polícia, enviado a São Paulo para averiguação, numa época em que eram proibidas reuniões entre japoneses — e ainda mais participando de uma reunião secreta, de madrugada! Se fosse descoberto, com certeza a sua vida ficaria bem complicada. Mas creio que era tão intensa a fé que meu pai depositava nos ensinamentos da Seicho-No-Ie que nada lhe aconteceu.

Meu pai tinha em mente voltar para o Japão e me disse: “Aprenda alguma profissão, porque, quando formos para o Japão, isso vai lhe ajudar”. Como eu gostava de tirar fotos, ele adquiriu para mim uma câmera fotográfica alemã, Rollerflex, com todos os acessórios.

Com essa máquina a tiracolo, fui trabalhar como aprendiz no estúdio fotográfico de um conhecido do meu pai, em São Paulo. A câmera era de qualidade tão superior que me lembro do dono do estúdio comentando, admirado: “É boa demais para ser usada por um garoto de 15 anos!”. Trabalhei nesse estúdio durante quatro anos.

No início da década de 1950, foram normalizadas as relações diplomáticas entre o Brasil e o Japão, tornando-se possível a troca de correspondência entre os dois países, e pudemos entrar em contato com nossos parentes no Japão. Meu pai escreveu uma carta ao meu tio, consultando sobre a possibilidade de retornar ao Japão com a família, narrando minuciosamente a situação em que vivíamos. Em resposta, meu tio escreveu que achava preocupante nós deixarmos uma terra tão rica como o Brasil, com abundância de alimentos, e retornarmos ao Japão, onde havia grande carência material após a guerra, levando cinco filhos em fase de crescimento. Junto à carta, ele anexou uma lista dos preços de produtos praticados no Japão na época.

**Para continuar sua leitura
adquira seu ebook:**

<http://www.sni.org.br/ebooks/>